

# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul

HISTÓRIA, DIVERSIDADE SOCIAL E DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO

PAULO DABDAB WAQUIL | ALESSANDRA MATTE  
MÁRCIO ZAMBONI NESKE | MARCOS FLÁVIO SILVA BORBA  
ORGANIZADORES



# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor

**Rui Vicente Oppermann**

Vice-Reitora e Pró-Reitora  
de Coordenação Acadêmica

**Jane Fraga Tutikian**

---

EDITORA DA UFRGS

Diretor

**Alex Niche Teixeira**

Conselho Editorial

**Carlos Pérez Bergmann**

**Claudia Lima Marques**

**Jane Fraga Tutikian**

**José Vicente Tavares dos Santos**

**Marcelo Antonio Conterato**

**Maria Helena Weber**

**Maria Stephanou**

**Regina Zilberman**

**Temístocles Cezar**

**Valquiria Linck Bassani**

**Alex Niche Teixeira**, presidente

# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul

HISTÓRIA, DIVERSIDADE SOCIAL E DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO

---

PAULO DABDAB WAQUIL | ALESSANDRA MATTE  
MÁRCIO ZAMBONI NESKE | MARCOS FLÁVIO SILVA BORBA  
ORGANIZADORES

Antônio Jorge Amaral Bezerra	Lovois de Andrade Miguel
Claudio Marques Ribeiro	Marco Antônio Verardi Fialho
Evander Eloí Krone	Rafael Gastal Porto
Fabiana Thomé da Cruz	Renata Menasche
Helen Osório	Rosani Marisa Spanevello
Jaqueline Sgarbi Santos	Tanice Andreatta
Jean François Tourrand	Valéria Dorneles Fernandes
Letícia Fátima de Azevedo	

© dos autores  
1ª edição: 2016

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto  
Revisão: Carlos Batanoli Hallberg  
Editoração eletrônica: Fernando Piccinini Schmitt



---

P636 Pecúária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.] . – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.  
288 p. : il. ; 16x23cm

Reimpressão 2016

(Série Estudos Rurais)

Inclui referências.

Inclui figuras, gráficos e tabelas.

1. Agricultura. 2. Pecúária. 3. Desenvolvimento rural. 4. Pecúária familiar – Rio Grande do Sul. 5. Pecúária familiar – História – Diversidade social – Dinâmicas de desenvolvimento. I. Waquil, Paulo Dabdab. II. Matte, Alessandra. III. Neske, Márcio Zamboni. IV. Borba, Marcos Flávio Silva. V. Série.

CDU 636 (816.5)

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0308-5

## **Introdução**

### **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: a ressignificação de uma categoria social**

*Paulo Dabdab Waquil*  
*Alessandra Matte*  
*Márcio Zamboni Neske*  
*Marcos Flávio Silva Borba*

Já bastante relatada na literatura, a ocupação do espaço no sul do Brasil foi marcada pela disputa territorial. As linhas demarcatórias atuais foram definidas apenas já entrado o século XIX. Uma combinação de fatores geopolíticos (distribuição de terras em retribuição a serviços militares), ecológicos (ambiente pastoril) e históricos (introdução do gado bovino pelos jesuítas no século XVII) contribuíram para que a formação social, econômica e cultural desta região fosse significativamente influenciada pela pecuária, tendo na estância, a partir do século XVIII, a “célula viva do organismo social rio-grandense” como diria Alvarino Marques.

Dado que as primeiras estâncias surgem com a distribuição de sesmarias, em essência a base agrária da produção pecuária se consolidou em grandes propriedades, com o uso de mão de obra de escravos e de peões contratados por temporada, sobretudo nas regiões de campos naturais. Embora o poder político-econômico dos estancieiros tenha forjado as principais interpretações sobre a ocupação do território gaúcho, é possível identificar uma conjunção paralela de fatores históricos para a formação de um importante contingente de pequenas unidades produtivas, que também evoluíram associadas à criação do gado sobre as pastagens naturais do Rio Grande do Sul, assentadas sobre a mão de obra familiar.

Movimentos de ocupação patrocinados pela coroa portuguesa ao longo do século XVIII, mediante o envio de colonos com a finalidade de aumentar o contingente populacional e promover uma produção agrícola mais diversificada, a “modernização” das estâncias tradicionais que se transformam em estâncias comerciais no terço final do século XIX, produzindo mudanças na organização do trabalho com a substituição das unidades familiares (agregados) pelo trabalho coletivo dos peões; e a divisão de terras entre descendentes dos primeiros estancieiros, completam o quadro capaz de explicar a presença histórica de pequenos produtores pecuaristas no Rio Grande do Sul. Uma

categoria social que, apesar de numerosa, permaneceu na maior parte do processo histórico de sua existência ocultada academicamente, marginalizada política e economicamente, portanto, pouco representada por organizações de classes.

A partir dos anos 2000, estes pequenos produtores dedicados à pecuária têm despertado o interesse de estudiosos das questões rurais vinculados a diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão rural, que passaram a realizar estudos abordando aspectos e processos multidimensionais desta realidade, com uma ampla diversidade de teorias, de métodos e de perspectivas analíticas. O desvelamento das condições de vida e das estratégias desses pequenos produtores possibilitou a emergência de uma nova categoria social denominada de *pecuária familiar*, a qual mantém características da produção e do trabalho de base familiar, tendo na criação de bovinos de corte e ovinos sua principal atividade produtiva e na dependência da natureza sua principal característica.

Desse modo, para compreender a pecuária familiar, deve-se conceber o pecuarista familiar como um ator social diferenciado étnica e culturalmente, ligado a um conjunto de fenômenos históricos. Portanto, deve-se evitar estabelecer uma vinculação exclusiva com o sujeito tradicional sob a ótica do passado, para percebê-lo nas suas expressões contemporâneas como sujeitos detentores de interesses legítimos e direitos e, como tal, protagonistas que compõem, de forma singular, o tecido sociocultural e produtivo do estado do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, três aspectos importantes merecem ser destacados a partir desses estudos iniciais. Em primeiro lugar, desmitificou-se a ideia de que a produção pecuária do Rio Grande do Sul era realizada apenas por grandes produtores. Essa percepção errônea permaneceu por muito tempo enraizada no pensamento social e econômico, e também no campo político e tecnocientífico, o que contribuiu para a longa ocultação desses produtores familiares. Existem no Rio Grande do Sul em torno de 60 mil famílias de pecuaristas familiares, as quais representam 70% do total de empreendimentos rurais dedicados à atividade da pecuária de corte.

Em segundo lugar, mesmo considerando a pecuária familiar como aparentemente homogênea, devido, sobretudo, às características produtivas envolvendo a criação de animais, ela mostra-se bastante diversa no contexto socioeconômico, produtivo e ambiental. Diversidade que é representada pelos modos de vida e pelas estratégias adotadas, que acabam por conduzir a diferenciadas dinâmicas de desenvolvimento.

Por fim, o terceiro ponto a ser destacado diz respeito à representação social e política dos pecuaristas familiares. Os resultados desses estudos in-

fluenciaram as organizações de representação social familiares e a formulação de políticas públicas para a categoria e, embora com restrições, os pecuaristas familiares passaram a ser reconhecidos pelas entidades de classes e pelos gestores públicos.

A interpretação histórica de ocupação do espaço, o entendimento da diversidade produtiva, os processos tecnológicos adotados, a relação entre cultura e natureza, o acesso a políticas públicas, os processos de organização social, a questão da sucessão familiar, as formas de inserção aos mercados são alguns dos temas analíticos que foram abordados sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas ao longo dos capítulos desta obra.

A publicação deste livro em torno do tema da pecuária familiar representa uma primeira iniciativa de reunir alguns dos principais resultados alcançados no acúmulo importante de experiências adquiridas ao longo dos últimos 15 anos. Assim, a proposta principal do livro é ampliar a visibilidade acadêmica, institucional e política dos pecuaristas familiares, de maneira que possa seguir reestruturando de forma permanente uma agenda de trabalhos futuros em torno do tema.

*Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento* reúne experiências diversas vivenciadas ao longo da última década e meia em projetos, em dissertações e em teses desenvolvidas em e por várias instituições no estado do Rio Grande do Sul, dentre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) e a Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR). A publicação do livro conta com o apoio institucional e financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O livro está estruturado em três grandes partes, em uma sequência de capítulos para atender a análise da história, da diversidade social e das dinâmicas de desenvolvimento da pecuária familiar no Rio Grande do Sul. Entender a pecuária familiar, enquanto categoria social, implica discutir sua historicidade, pois ainda se conhecem frágeis registros que dizem respeito a verdades que nunca foram ditas e apresentadas à experiência social, pois frequentemente foram vistos pela própria historiografia como sujeitos residuais. Nesse sentido, na primeira parte, os capítulos expõem as origens e a evolução da pecuária familiar no estado, com suas repercussões em termos da diversidade que é percebida na atualidade.



O primeiro deles, capítulo de autoria de Helen Osório, dá visibilidade a uma significativa representação camponesa no período colonial, presente à margem das grandes propriedades, típicas à época. Se a narrativa colonial produzida por viajantes, por militares, por governantes da época marginalizou a presença dos pequenos produtores na formação da matriz agrária do estado, essencializou-se como regime de verdade em boa parte da historiografia contemporânea. A autora chama a atenção para o fato de que a sociedade agrária sul rio-grandense se mostrava mais complexa e dinâmica do que comumente é realçado pela historiografia, que evidencia o papel da elite agrária como absoluta experiência pretérita.

Assinado por Valéria Dorneles Fernandes e Lovois de Andrade Miguel, o segundo capítulo destaca a efetiva presença dos pecuaristas familiares desde o início do século XIX no município de Santana do Livramento. A partir de dados censitários da época, os autores demonstram que o criador típico do município é aquele com pequenos e médios rebanhos de animais (bovinos e ovinos), representados majoritariamente pela figura dos pequenos produtores. Por outro lado, o acesso à terra apresentava um caráter concentrador, sendo apropriada de maneira desigual e enraizada nas mãos de poucos e grandes produtores. Assim, cabia aos pequenos produtores ocuparem os lugares ínfimos, ou então instalarem-se em terras alheias na condição de agregado ou trabalhador das estâncias pastoris.

A segunda parte do livro é composta por capítulos direcionados ao entendimento da diversidade social e produtiva da pecuária familiar, expressando os modos de vida, as práticas e saberes, as ações produtivas, a organização dos estabelecimentos e as suas formas de relação com os mercados. Essa segunda parte é aberta pelo capítulo três, de autoria de Tanice Andreatta, Paulo Dabdab Waquil e Lovois de Andrade Miguel, em que os autores dedicam-se a caracterizar o perfil socioeconômico dos pecuaristas criadores de bovinos de corte de base familiar no Rio Grande do Sul. Apoiando-se em uma densa base de dados que abrange o universo de pecuaristas familiares de diferentes regiões do estado, o capítulo demonstra que as dinâmicas produtivas dos pecuaristas familiares são determinadas por questões ligadas à tradição, à satisfação pessoal e a um estilo de vida familiar, do que meramente uma orientação visando oportunidades de ganhos mercantis.

Por sua vez, no quarto capítulo, de Claudio Marques Ribeiro, são destacadas as principais características do contexto social, econômico, natural e produtivo que constituem o modo de vida dos pecuaristas familiares. A análise mostra que a utilização da mão de obra familiar, a busca da autonomia mercantil, o autoconsumo e o dimensionamento das atividades a partir das necessidades da família são condições estruturantes do modo de vida desses produtores.

No quinto capítulo, Rafael Gastal Porto e Antônio Jorge Amaral Bezerra evidenciam a diversidade social da pecuária familiar no município de Bagé. O texto avança no sentido de caracterizar que a pecuária familiar é uma categoria social heterogênea organizada sob a égide da combinação estratégica de diferentes fatores sociais (estrutura e composição familiar), econômicos (canais de comercialização, renda agrícola e renda não agrícola) e produtivos (disponibilidade de área, sistemas de produção).

No sexto capítulo, Márcio Zamboni Neske analisa o processo de diferenciação social da pecuária familiar a partir das distintas formas de como as unidades familiares estão envolvidas no processo mais geral da mercantilização e como elas desenvolvem estratégias diferenciadas, visando à construção da autonomia do grupo familiar. Segundo o autor, em grande medida, a autonomia é garantida pelas relações personalizadas que os pecuaristas estabelecem com a base de recursos naturais que dispõem, pois algumas etapas não mercantilizadas do processo produtivo são definidas a partir das relações estabelecidas com o sistema natural.

No sétimo capítulo, Letícia Fátima de Azevedo e Marco Antônio Verardi Fialho fazem uma análise sobre os modos de apropriação da natureza pelos pecuaristas familiares, tendo como espaço de análise a região da Serra do Sudeste. Os pecuaristas são detentores de um amplo e complexo conjunto de conhecimentos e estratégias de apropriação e uso da natureza, alinhando, sincronicamente, a sua reprodução sociocultural e a preservação dos recursos naturais que dispõem.

No oitavo capítulo, de Evander Eloí Krone e Renata Menasche, os autores demonstram como a formação histórica e social da região dos Campos de Cima da Serra foi forjada pelo vínculo entre a pecuária de corte de base familiar e a produção de queijo serrano. O binômio pecuária de corte e a produção de queijo serrano é uma tradição que superou o passar do tempo e permanece central no modo de vida dos pecuaristas familiares, mantendo vivos costumes, saberes e práticas de sociabilidade.

Por fim, a terceira parte completa o livro com a análise das dinâmicas de desenvolvimento, debatendo perspectivas, oportunidades, desafios e vulnerabilidades da pecuária familiar. O capítulo nove, que abre esta última parte do livro, elaborado por Marcos Flávio Silva Borba, apresenta uma análise de uma experiência em curso de desenvolvimento no território Alto Camaquã. No território em questão, a pecuária familiar é a principal representação social e produtiva, e a ênfase do artigo recai, por um lado, sobre a valorização dos ativos locais como referência para a transformação da realidade, e, por outro, destaca o papel e os desafios da interação entre múltiplos atores para a afirmação de estratégias de desenvolvimento baseadas no lugar.

No capítulo dez, o segundo que compõe a parte três do livro, redigido por Fabiana Thomé da Cruz e Jaqueline Sgarbi Santos, as autoras analisam as relações entre a valorização de alimentos tradicionais, os modos de vida de seus produtores e as estratégias de desenvolvimento rural fundamentadas nessa relação. Ao averiguarem a pertinência do reconhecimento das qualidades específicas de produtos locais, por meio da valorização da origem dos alimentos, como no caso do queijo serrano dos Campos de Cima da Serra, as autoras argumentam que iniciativas em torno desse tema podem resultar em profícuas estratégias de desenvolvimento rural associadas aos produtos alimentares tradicionais.

O décimo primeiro capítulo do livro, elaborado por Alessandra Matte e Paulo Dabdab Waquil, apresenta o debate em torno das distintas situações de vulnerabilidade que podem acometer os meios de vida dos pecuaristas de corte. O capítulo contribui ao debate da pecuária à medida que adentra acerca de questões e mudanças contemporâneas, em consonância com questões históricas, e sua relação com os meios de vida dos pecuaristas.

O capítulo que encerra a obra fica por conta de Alessandra Matte, Rosani Marisa Spanevello e Tanice Andreatta. As autoras se debruçam sobre o tema da descontinuidade sucessória na pecuária familiar, a partir da análise dos encaminhamentos quanto ao destino dos estabelecimentos e a questão do amparo e cuidados na velhice de pais sem filhos residindo no estabelecimento, ou seja, sem a perspectiva de sucessores. A análise revela um conflito entre o interesse dos pais e as expectativas vislumbradas para a propriedade, visto que o esperado é deixar a propriedade aos filhos, mesmo acreditando que esses não retornarão.

Desejamos aos leitores uma agradável e profícua leitura!